



MULHERES

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO N.º 71 | MARÇO DE 2016
Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede



BIBLIOTECA ESCOLAR

CLARA PÓVOA

Ficha técnica

Título: *Mulheres*

Autor: Biblioteca Escolar
Clara Póvoa | Serviço das
Bibliotecas Escolares do
Agrupamento de Escolas
Lima-de-Faria, Cantanhede

Seleção e organização:

Conceição Sacarrão
Maria Fernanda Cravo
Isabel Bernardo

Edição: Isabel Bernardo

Imagem: Cible Gomes |
Mulheres e manchas
(pormenor)

Mulheres by Biblioteca Escolar
Clara Póvoa | Serviço das bibliote-
cas Escolares do Agrupamento de
Escolas Finisterra-Cantanhede is
licenced under a Creative Com-
mons Atribuição-NãoComercial
SemDerivações 4.0 International
Licence

Vistas como mães, irmãs, amigas, parceiras, as mulheres são, antes de mais, pessoas.

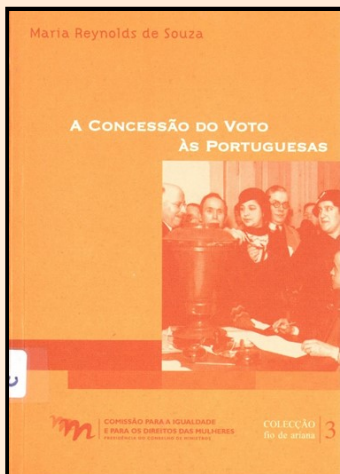
Desejadas, queridas, amadas, violentadas, discriminadas, escravizadas, as mulheres continuam a ter de lutar para serem reconhecidas como pessoas.

Resilientes, persistentes, corajosas, fragilizadas, empobrecidas, as mulheres são a grande maioria dos refugiados do mundo, ganham menos, têm menos oportunidades e, tal como as crianças, estão sujeitas a maior risco de pobreza.

Da situação da mulher no mundo, à vida de mulheres que marcaram o mundo ou à exaltação poética da mulher, este Boletim Bibliográfico apresenta-nos um vasto conjunto de possibilidades para nos aproximarmos do entendimento do que é ser mulher.

A concessão de voto às Portuguesas

Ensaio



«O pedido de concessão de voto às mulheres foi oficialmente feito pela primeira vez, em Portugal, no dia 22 de abril de 1882, na sessão das Cortes Gerais, Extraordinárias e Constituintes da Nação Portuguesa quando o deputado representante da Baía, no Brasil, Domingos Borges de Barros propôs que as mães de seis filhos legítimos pudessem votar nas eleições. Borges Carneiro foi de parecer que tal questão não fosse admitida à discussão: «trata-se de um direito politico e deles são as mulheres incapazes» (p. 23).

Cota: 34 AMN

N.º de registo: 8289

Amnistia Internacional: Secção Portuguesa (1995). *Mulheres e direitos humanos*. Lisboa: S.P.A.I.

A mulher do renascimento

Ensaio



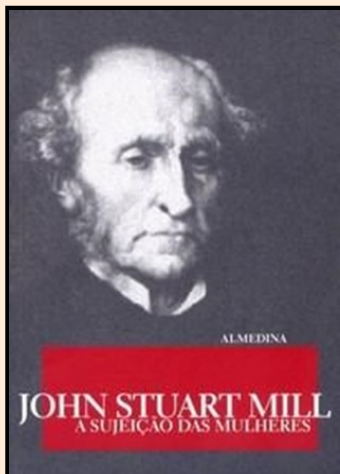
«A esposa que casara voluntaria ou involuntariamente, deveria assumir uma relação com o seu marido, negociada entre preceitos contraditórios. Por um lado esperava-se que fosse uma companheira para o seu marido. Por outro, era sua subordinada e objeto de regras restritas impostas por ele e por outras autoridades masculinas. (...) Tanto católicos como protestantes partilhavam a mesma visão do casamento e adotavam as mesmas prioridades» (p. 47).

Cota: 316 KIN
N.º de registo: 11453

King, M. L. (1994). *A mulher do Renascimento*. Lisboa: Presença.

A sujeição das mulheres

Ensaio

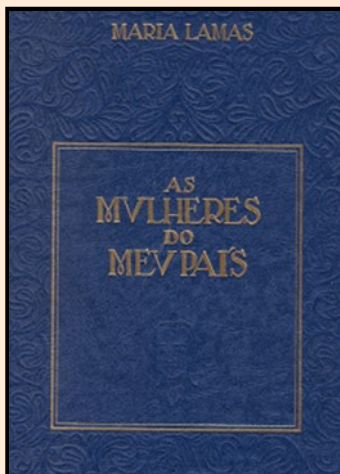


«A reivindicação pelas mulheres do direito a uma educação com a mesma qualidade e nas mesmas áreas de conhecimento que a dos homens também se tem feito ouvir de forma cada vez mais insistente, e com boas perspectivas de sucesso, ao mesmo tempo que a necessidade da sua admissão em profissões e atividades que até aqui lhes estavam vedadas se vai tornando, de ano para ano, mais premente. (...) E não é apenas no nosso país e nos Estados Unidos que as mulheres esta a começar a protestar...»(p. 57).

Cota: 17 MIL

N.º de registo: 8289

Mill, J. S. (2006). *A sujeição das mulheres*. Coimbra: Almedina.



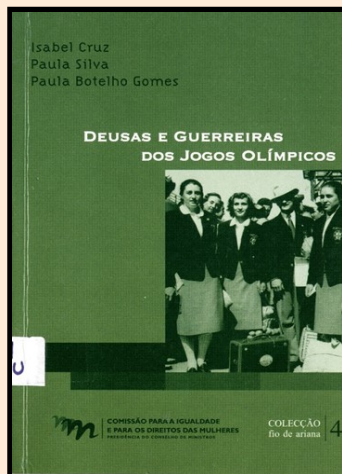
«A mulher é preferida nas fábricas porque, depois de adquirir a prática necessária, trabalha o mesmo que o homem e ganha muito menos que ele. Isto verifica-se em toda a parte, com exceção dos trabalhos que requerem preparação técnica especial, que a mulher não tem, e daqueles que lhe são interditos por lei, como prejudiciais à sua constituição e à sua função procriadora. Mesmo assim, ainda é possível encontrar, nalgumas fábricas do país, casos em que a prescrição legal é sofismada...»(p. 368)

Cota: 94(469) LAM
N.º de registo: 10069

Lamas, M. (2002). *As mulheres do meu país*. (2.ª ed.). Lisboa: Caminho.

Deusas e guerreiras dos Jogos Olímpicos

Ensaio



«Este desporto depara-se com um corpo feminino que, para além de ser diferente do “padrão” masculino, é sujeito aos poderes legislativos, religiosos, médicos e filosóficos, tecidos por homens, poderes que o aprisionam à maternidade e que lhes ditam regras de graciosidade e de submissão. E neste sentido, as mulheres ao reivindicarem iguais direitos e oportunidades no desporto, ao transporem fronteiras que lhes foram impostas, tornam-se guerreiras.» (p. 55)

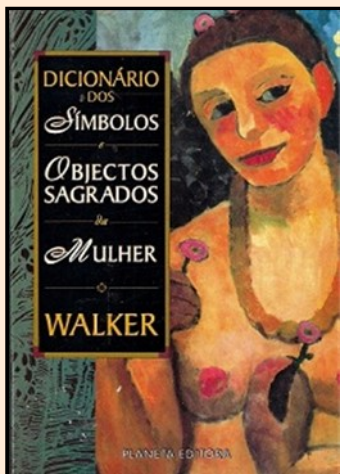
Cota: 34 AMN

N.º de registo: 8289

Cruz, I., Silva, P., & Gomes, P. B. (2006). *Deusas e guerreiras dos Jogos Olímpicos*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos da Mulher.

Dicionário dos símbolos e objectos sagrados da mulher

Ensaio



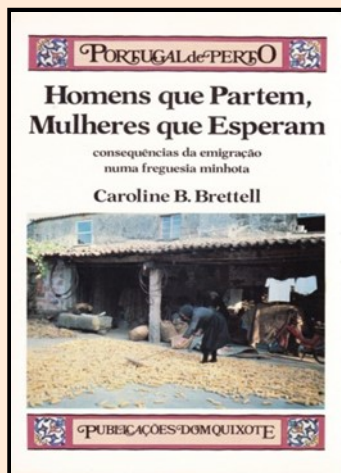
«Algumas vezes todas as fadas eram designadas «Deusas da Lua». Por outras palavras eram mulheres que ainda seguiam a religião antiga. As «fadas madrinhas» das histórias populares eram os espíritos guardiães femininos das antepassadas deificadas, que se supunha velarem as crianças nos tempos antigos. Mesmo fontes cristãs falam das fadas como gente real, quase sinónimo de feiticeiras, e do País das Fadas como um local real. Era também conhecido como o paraíso terrestre...» (p. 236).

Cota: 39(038) WAL
N.º de registo: 10910

Walker, B. G. (2002). *Dicionário dos símbolos e objectos sagrados da mulher*. Lisboa: Planeta.

Homens que partem, mulheres que esperam

Ensaio

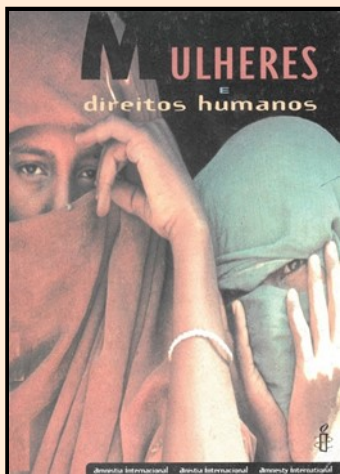


«As leis que restringiam a emigração feminina mantiveram-se em vigor até à década de 1960 e, por conseguinte, afetaram o movimento de mulheres que desejavam participar na fase mais recente da emigração portuguesa, ou seja na emigração para França. Com estas restrições legais coexistia uma atitude negativa perante a emigração feminina, atitude que não sofreu alterações até meados do século XX. Julgava-se que as raparigas que deixavam a casa paterna se iriam perder» (p. 154).

Cota:39 BRE

N.º de registo: 7131

Brettell, C. B. (1991). *Homens que partem, mulheres que esperam: consequências da emigração numa freguesia minhota*. Lisboa: Dom Quixote.

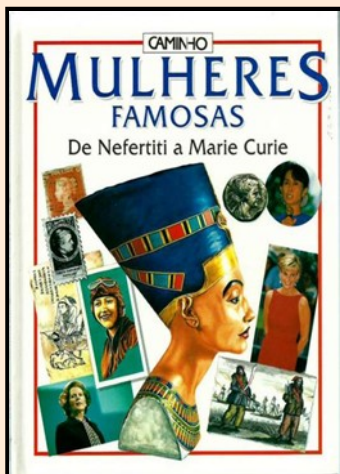


«A violência doméstica, por exemplo, é um problema internacional. Na maior parte das regiões do mundo a violência doméstica é a causa dos mais violentos ataques a mulheres. Em muitos países continua a ser a principal fonte de violência contra elas, mesmo quando proibido por lei. Nalguns países os homens têm o direito de espancar as esposas, e em muitos deles, podem fazê-lo sem receio de qualquer punição. O problema da violência doméstica ultrapassa fronteiras, culturas e classes» (p. 17).

Cota: 34 AMN

N.º de registo: 8289

Amnistia Internacional: Secção Portuguesa (1995). *Mulheres e direitos humanos*. Lisboa: S.P.A.I.



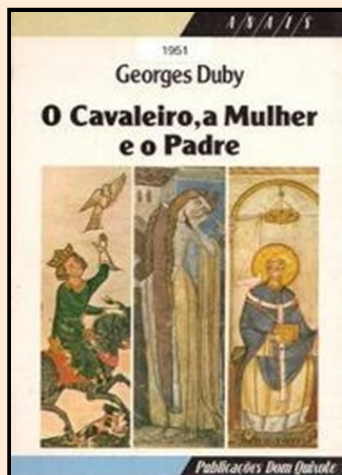
«As mulheres sempre tiveram dificuldade em alcançar a fama. Isto era sobretudo verdadeiro no passado. Tradicionalmente, esperava-se que as mulheres ficassem em casa a criar os filhos e a desempenhar as tarefas domésticas. Isto não lhes deixava muitas oportunidades para se tornarem artistas ou atletas. Em muitas sociedades as mulheres eram pertença ou estavam sob o controlo de maridos, pais ou irmãos. Não possuíam dinheiro seu pelo que lhes era difícil começar um negócio...» (p. 3).

Cota: (031) DUN
N.º de registo: 9374

Dungword, R., Wingate, P. (1998). *Mulheres famosas*. Lisboa: Caminho.

O cavaleiro, a mulher e o padre

Ensaio



«Filipe desposara aos vinte anos Berta de Frísia. Dera-lha o seu primo coirmão, o conde de Flandes: era uma filha da mulher dele, de um primeiro matrimónio. Este casamento arranjado selava uma reconciliação entre o rei e o seu vassalo. Durante nove anos, Berta permaneceu estéril. Ela rezava. Finalmente nasceu um rapaz, Luís, o futuro Luís VI. (...) Apesar de tudo, Berta viu-se repudiada mais tarde, em 1092, vinte anos após o casamento» (p. 11).

Cota: 94(4+7) DUB
N.º de registo: 7150

Duby, G. (1988). O cavaleiro, a mulher e o padre: o casamento na França feudal. Lisboa: Dom Quixote.

O primeiro sexo: como as mulheres estão a mudar o mundo

Ensaio



«Menos filhos, mais aparelhos em casa, mais empregos fora de casa, maior grau de instrução, mais divórcios: todos estes fatores encorajam as mulheres a entrarem para a força de trabalho. Há ainda outras razões. As mulheres casam mais tarde, o que significa que têm mais anos antes do casamento para se manterem a si próprias. Tem também uma esperança de vida maior, aumentando assim os anos que irão trabalhar. As mulheres também trabalham porque querem as coisas que o dinheiro compra.» (pp. 44-45) .

Cota: 316 FIS
N.º de registo: 11483

Fisher H. (2001). *O primeiro sexo: como as mulheres estão a mudar o mundo*. Lisboa : Presença.

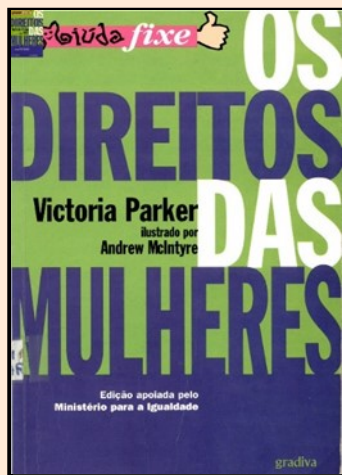


«O século XXI será o século das mulheres. Já ninguém pode deter o movimento que constituiu a maior revolução do século que está a chegar ao fim. A paridade entre o homem e a mulher é uma realidade em numerosos domínios. Há tantas universitárias como universitários. As jovens não andam à procura de um diploma para se distraírem, mas porque querem utilizá-lo. A igualdade até hoje alcançada é bastante satisfatória, mas não o é completamente. Persistem obstáculos a uma igualdade aceitável...»(pg. 11)

Cota: 316 CAM

N.º de registo: 11468

Camps, V. (2001). *O século das mulheres*. Lisboa: Presença.



«Pensem o que pensarem sobre qual deveria ser o papel dos homens e das mulheres na sociedade, não podem negar que ele está a mudar, e a mudar muito rapidamente. As mulheres têm cada vez mais direitos, mais dinheiro, mais independência e mais oportunidades e os homens estão a ter de adaptar-se, quer queiram, quer não, a esta nova situação. São o poder e o dinheiro que fazem o mundo girar e as mulheres estão a agarrar estas duas coisas com unhas e dentes» (p. 119).

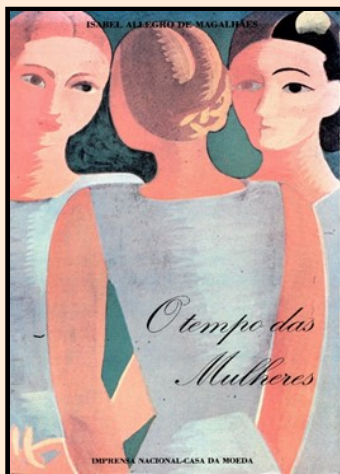
Cota: 34 PAR

N.º de registo: 10009

Parker, V. (2000). *Os direitos das mulheres*. Lisboa: Gradiva.

O tempo das mulheres

Ensaio



«Se os textos não admitem outra autoria que a dos trovadores homens, as iluminuras que nos chegam das Cantigas de Santa Maria e a que já aludimos, mostram-mos mulheres culturalmente ativas: as jogralesas, vestidas à moda árabe ou cristã, que partilham com os homens o mister da juglaria. São pois essas iluminuras que nos podem sugerir que a sociedade das cantigas não era tão masculina como o silêncio dos textos faz sugerir» (p. 107).

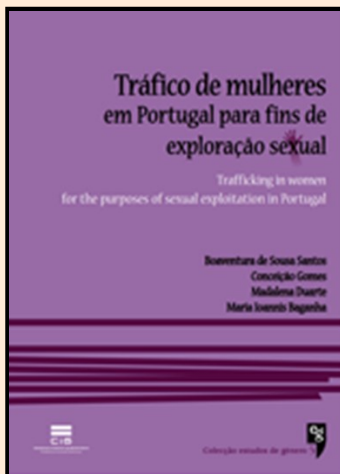
Cota: 80 MAG

N.º de registo: 10009

Magalhães, I. A. (1987). *O tempo das mulheres: a dimensão temporal na escrita feminina contemporânea: ficção portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Tráfico de mulheres em Portugal para fins de exploração sexual

Ensaio



«Depois de aliciarem as mulheres, pediam-lhes fotografias que, posteriormente, remetiam para a organização em Portugal. Caso as mulheres fossem aprovadas pela organização, os angariadores enviavam os elementos de identificação das mesmas para que a organização pudesse comprar as passagens aéreas. Indicavam-lhes o modo como deviam ir vestidas, ou forneciam-lhes a roupa, e davam-lhes um a dois euros para que pudessem fazer uma chamada para um número de telefone...» (p. 163).

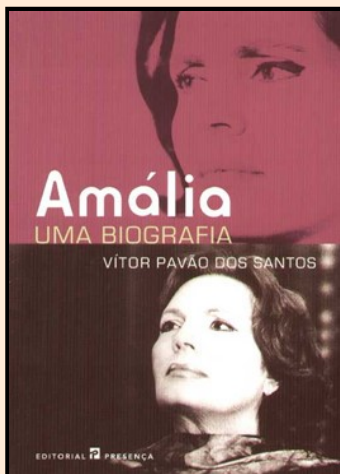
Cota: 316 TRA

N.º de registo: 11821

Santos, B. S., Gomes, C., Duarte, M., & Baganha, M. I. (2008). *Tráfico de mulheres em Portugal para fins de exploração sexual*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Amália: uma biografia

Biografias



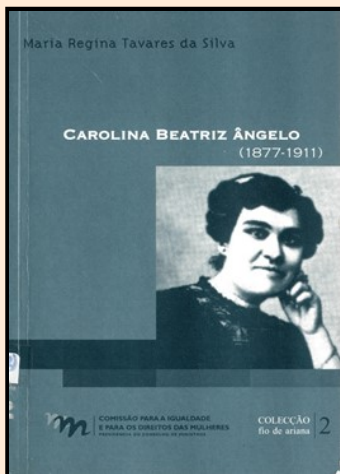
«Muito cedo me dei conta que havia qualquer coisa na minha voz que fazia com que as pessoas que iam na rua parassem para me ouvir. Aí pelos doze anos já dava conta disso. Quando tinha vinte e tal anos cantava *Granada*, *Torna a Sorrento*, o *Hilário*, essas coisas que metem muita voz. Cantava tudo quanto gostava. Um dia, em Formentor, depois de ter estado muito doente, estava a andar de gaivota com as minhas irmãs e comecei a cantar *Torna a Sorrento*. Quando dei por mim estava toda a gente às palmas...» (p. 95).

Cota: 78(092) SAN
N.º de registo: 11525

Santos, V. P. (2005). *Amália: uma biografia*. (2.ª ed.). Lisboa: Presença.

Carolina Beatriz Ângelo (1877-1911)

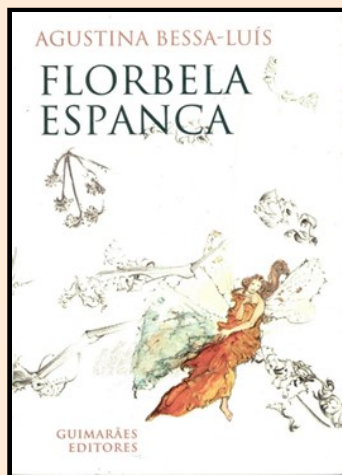
Biografias



«A *vanguarda*, 29 de maio, 1911: A estas horas já deve ter transporte as fronteiras a sensacional notícia de ter exercido o voto nos colégios eleitorais de Portugal, pela primeira vez uma mulher. A Sr.^a D. Carolina Ângelo, que nos primeiros dias da organização do recenseamento eleitoral, requerera a inclusão do seu nome, por saber ler e escrever e ser considerada chefe de família, conseguiu, com toda a justiça que lhe fosse reconhecido o direito de voto.» (p. 59)

Cota: 94(469)(092) SIL
N.º de registo: 11296

Silva, M. R. (2006). *Carolina Beatriz Ângelo (1877-1911)*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.



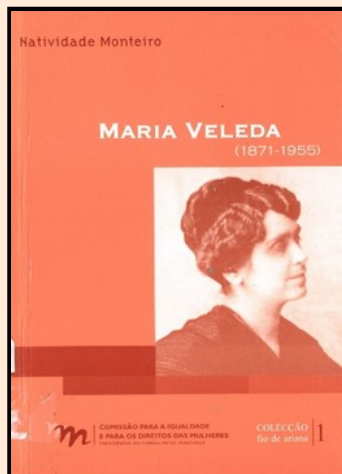
«Florbela Espanca está sentada à braseira, usa meias curtas, de riscas e um vestido com cabeção, que não lhe agrada. É uma menina extremamente inquieta da sua influência, sabe que o traje comporta o rito e que age nas pessoas como uma persuasão e uma forma encantatória. Um dia viu a rainha de perto, no Paço do reguengo, e impressionou-a, não a individualidade mas o que interpreta: a seda, o colar, a tiara. Florbela pediu à madrastra um vestido de seda, e teve-o» (p. 9).

Cota: 80(092) BES
N.º de registo: 10545

Bessa-Luís, A. (2001). *Florbela Espanca: biografia*. (4.ª ed.). Lisboa: Guimarães Editores.

Maria Veleda (1871 - 1955)

Biografias



«A vocação de Maria Veleda para o ensino estará intimamente ligada a uma grande sensibilidade para as atividades culturais, como a escrita e o teatro, à sua crença ilimitada no poder da educação sobre a sociedade e, sobretudo, à sua afetividade e amor pelas crianças. Ela acreditava que a educação era fonte de felicidade individual e coletiva, fator de progresso material e espiritual e o motor da transformação social. As crianças simbolizavam a esperança e o futuro» (p. 25).

Cota: 94(469)(092) SIL
N.º de registo: 11296

Monteiro, N. (2004). *Maria Veleda (1871 - 1955)*. Lisboa : Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 2004.

A rainha vermelha

Biografia romanceada



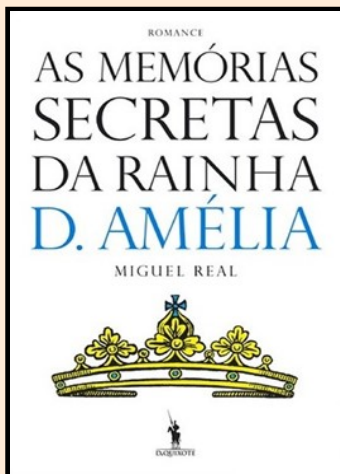
«Devo começar a vida de casa no Palácio de Lamphey, em Pembrokeshire, que fica situado no centro do horrível País de Gales. Não tenho tempo para sentir saudades da minha mãe e da minha família, nos primeiros meses, porque tudo é tão diferente que terei de aprender hábitos completamente novos. A maior parte do meu tempo será passada com os criados e as aias do castelo. O meu marido e o irmão dele entram e saem intempestivamente, como a chuva» (p. 35).

Cota: 821-311.6 GRE
N.º de registo: 12711

Gregory, P. (2011). *A rainha vermelha*. Porto: Civilização.

As memórias secretas da rainha D. Amélia

Biografia romanceada



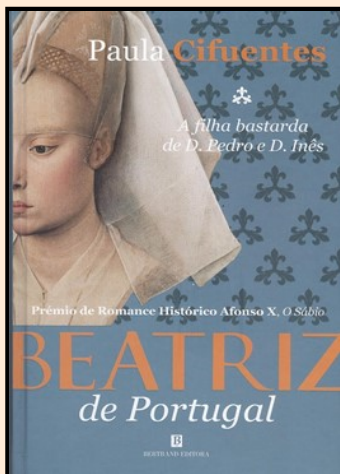
«Eu não quisera partir de Vila Viçosa, pela minha vontade não teríamos chegado a Lisboa naquela tarde fatídica; a lei que Carlos assinara um dia antes, resignando-se ao desejo do João Franco de exilar os políticos republicanos em Africa e em Timor, figurava-me a lei mais cruel que a monarquia concebera nos últimos anos, sabia o que era o exílio, a minha família vivera-o, espalhara-se pelos quatro cantos da Europa, impossibilitada de regressar a França ...» (p. 171).

Cota: 821.134.3-311.6 REA
N.º de registo: 12566

Real, M. (2010). *As memórias secretas da rainha D. Amélia*. Alfragide: Dom Quixote.

Beatriz de Portugal: a filha bastarda de D. Pedro e D. Inês

Biografia romanceada



«Não sei por que razão o meu irmão demorou tanto a procurar-me um mardo, a seguir à morte do meu pai. É certo que depois dos vinte anos o meu corpo poder-se-ia ter tornado menos apetecível, para o ideal masculino. Mas, isso importa realmente? Uma esposa, segundo eles, não tem por que ser jovem, pois isso está reservado para as amantes, mas sim possuir outros atributos que eu possuía de sobra. O meu preço político continuava a ser o mesmo» (p. 23).

Cota: 821.311.6 CIF
N.º de registo: 12649

Cifuentes, P. (2008). *Beatriz de Portugal: a filha bastarda de D. Pedro e D. Inês*. Lisboa: Bertrand.

D. Maria II: tudo por um reino

Biografia romanceada



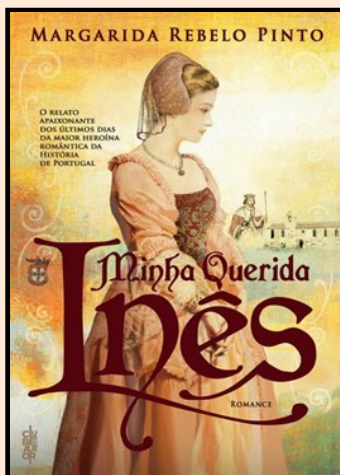
«Desta vez Maria não correu para a janela. Nem quis ver o barco ao longe. E muito menos aceitou esperar impávida e serena que o marido se apresentasse frente ao trono dourado e carmim. Desta vez Maria estava orgulhosa dos seus 17 anos feitos há apenas quatro dias, e decidida a que ao terceiro marido seria de vez, como comentava, entre risos, com as damas, enquanto as criadas apertavam as costas de um vestido acabado de chegar de Paris, azul-clarinho para lhe realçar os olhos» (p. 342).

Cota: 821.134.3-311.6 STI
N.º de registo: 12792

Stilwell, I. (2012). *D. Maria II : tudo por um reino*. (3.ª ed.). Lisboa: Esfera dos Livros.

Minha querida Inês

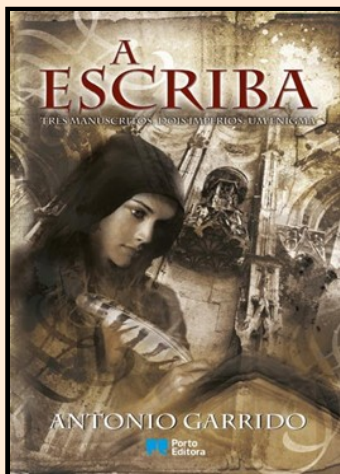
Biografia romanceada



«Frio, vazio, medo e silêncio. Depois nem frio, nem medo. Na verdade já não sinto nada. A minha alma está livre e voa para outro lugar. Vejo o Paço lá em baixo, a horta, o convento, o hospital, os verdes campos de Coimbra, o rio Mondego, as colinas de oliveiras e a Fonte dos Amores longe, cada vez mais longe. Para onde me leva o meu sonho? Já não sou Inês de Castro, já não sou nada. E, no entanto, sinto que sou tudo e sou livre.» (p. 15)

Cota: 821.134.3-311.6 PIN
N.º de registo: 12711

Pinto, M. R. (2011). Minha querida Inês. Lisboa: Clube do Autor.



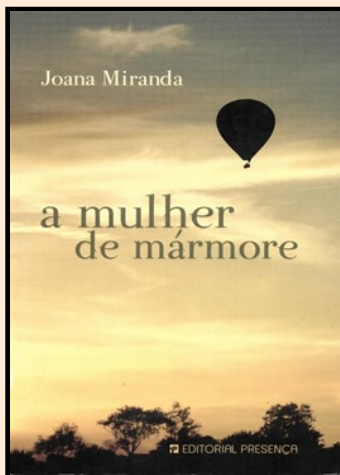
«Quando Theresa conseguiu levantar-se julgou-se na antecâmara do próprio inferno. Desesperada, olhou em redor vendo que as chamas devoravam tudo quanto encontravam à sua passagem e ameaçavam cercá-la. Nesse momento um rangido por cima da cabeça fê-la olhar para o teto. por um instante chegou a pensar que o teto ia desabar, mas observando percebeu que as chamas se detinham no colmo, provavelmente devido à humidade e à neve acumulada» (p. 37).

Cota: 821-311.6 GAR
N.º de registo: 12711

Garrido, A. (2009). *A escriba*. Porto: Porto Editora.

A mulher de mármore

Romance



«Mulher de mármore, mulher de mármore. Não conseguia pensar em mais nada. Decidido a impedir que a questão se adensasse, visitei algumas galerias de arte, e contemplei incontáveis imagens de mulheres nuas. Nenhuma apresentava uma expressão comparável à daquela mulher enigmática. Folheie todos os álbuns de esculturas que me foi possível, em todas as livrarias que percorri, e não encontrei qualquer imagem que tivesse a mesma expressão...»(p. 37).

Cota: 821.134.3-31 MIR
N.º de registo: 11392

Miranda, J. (2007). A mulher de mármore. Lisboa: Presença.

As mulheres do meu pai

Romance



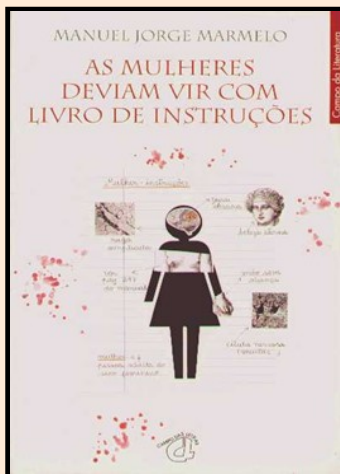
«Faustino Manso foi enterrado esta tarde. Vesti uma camisa azul escura, saia preta, justa, meias da mesma cor. Prendi o cabelo no alto da nuca. Mandume gosta de me ver com o cabelo assim. Acha que pareço mais alta. Sou alta. Tenho um metro e setenta e cinco, menos dez do que ele. Telefonei para a receção pedindo que me chamassem um táxi. Explicaram-me que não existem táxis em Luanda, pelo menos não aquilo que na europa designamos dessa forma...» (p. 30).

Cota: 821-31 AGU
N.º de registo: 12644

Agualusa, J. E. (2007). *As mulheres do meu pai* (5.ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.

As mulheres deviam vir com livro de instruções

Romance



«A história de Maria Rosa até ao dia que apareceu acorrentada a uma varanda de Santa Catarina não tem nada de particularmente interessante ou original e, se aqui a convoco, é com a esperança de que alguém a possa interpretar melhor do que eu (algum leitor freudiano, algum coca-bichinhos da psicologia) e, desse modo estabeleça entre o passado e o presente da rapariga algum nexo de casualidade» (p. 37).

Cota: 821-31 AGU
N.º de registo: 12644

Marmelo, M. J. (2000). *As mulheres deviam vir com livro de instruções*. (6.ª ed.). Porto: Campo das Letras.

Conhecer uma mulher

Romance



«Yoel tirou o objeto da prateleira e observou-o atentamente. Aos olhos ardiam-lhe. O agente, pensando que ele não ouvira a pergunta, repetiu-a: -Vamos dar uma vista de olhos lá atrás? - Embora já se tivesse decidido, Yoel não tinha qualquer pressa em responder: tinha o hábito de fazer uma pausa antes de responder mesmo a uma pergunta simples como: Como está? Ou Que disseram no noticiário?, como se as palavras fossem um bem pessoal de que ninguém se devia separar com ligeireza» (p. 7).

Cota: 821-31 OZ
N.º de registo: 10107

Oz, A. (1992). *Conhecer uma mulher*. Lisboa: Dom Quixote.

Escravas: vendidas pelo próprio pai...

Romance



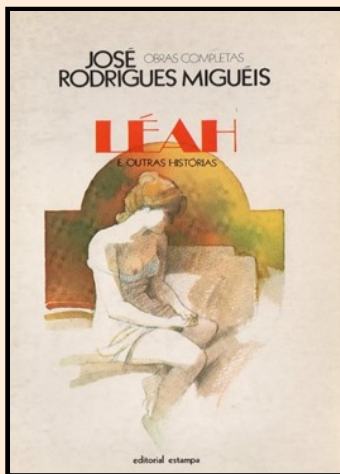
«Quando em 1984, deixei os Estados Unidos com a minha filha de quatro anos para acompanhar o meu marido a Teerão, tive medo. Nessa época nunca ouvira falar de mulheres retidas como reféns por um marido de nacionalidade diferente da delas ou de crianças arrancadas à mãe. Também não sabia que pelo meu casamento, a nacionalidade iraniana me era automaticamente atribuída, bem como à minha filha e que não poderíamos deixar o Irão sem autorização do meu marido» (p. 9).

Cota: 821-94 MUH
N.º de registo: 12883

Muhsen, Z. ; Ali. M. (2012). *Escravas*. Alfragide: ASA.

Léah e outras histórias

Romance



«Nessa altura virei-me para ti, Léah, e vi-te: pela primeira vez. A luz das janelas dava-te em cheio na cara, e reparei que eras bonita, nova e séria. A tua boca entreaberta de espanto, viva e carnuda, mostrava os dentes brancos, delicadamente implantados; os teus olhos redondos, límpidos, cinzentos, miravam com sincero horror a desordem do quarto; os teus seios, fortes e salientes ainda arquejavam da carreira em que tinhas subido; e no teu pescoço, branco e solidamente afeiçoado havia um refego...»(p. 19)

Cota: 821.134.3-34 MIG
N.º de registo: 10364

Migueis, J. R. (1997). *Léah e outras histórias*. (11.ª ed.). Lisboa: Estampa.

Receitas de amor para mulheres tristes

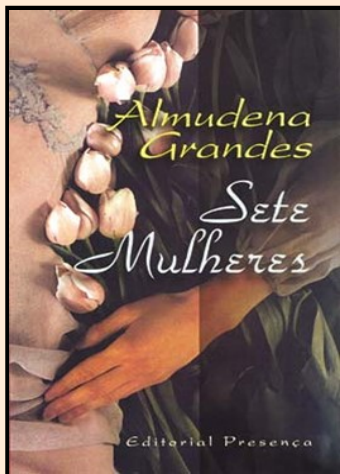
Romance



«O queijo com as peras alimenta o amor feliz. Mas não comas queijo com pera quando andares em busca do amor. O queijo com as peras não proporciona a necessária paz dos sentidos que atraí os amantes. Os homens desconfiam de uma mulher que se mostre muito ansiosa por travar relações. Em contrapartida são muito atraídos por uma alegre atenta indiferença. Dá atenção aos homens que te agradem, que te atraíam, mas não demais. Finge que estás distraída, que estás ocupada com outros, que ele é mais um igual entre iguais.» (p. 23)

Cota: 821-31 ABA
N.º de registo: 11388

Abad Faciolince, H. (2001). *Receitas de amor para mulheres tristes*. (3.ª ed.). Lisboa : Presença, .



«Daquela vez já não se quis sentar com elegância, já não. Atirou-se para cima da cadeira com todo o seu peso e suspirou ruidosamente. Desenroscou a tampa da caneta com um gesto de cansaço e traçou um risquinho azul na pele da mão esquerda, junto da base do polegar, para verificar que estava bem cheia, submetendo-se pela última vez, pensou, a esta mania infantil de que nunca conseguira livrar-se» (p. 51).

Cota: 821-34 GRA
N.º de registo: 11482

Grandes, A. (1998). *Sete mulheres*. Lisboa: Presença.

Sou mulher, ouçam como ressono

Banda desenhada



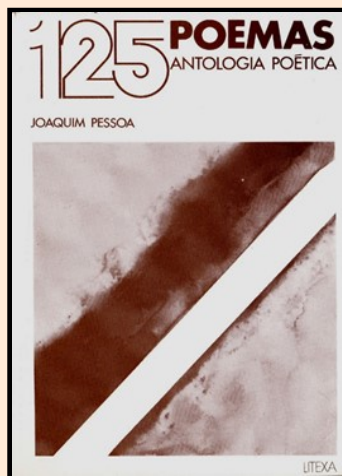
«As despesas extras que as mulheres fazem para se vestirem de acordo com as vinte imagens diferentes que é suposto manterem são dedutíveis? – Não. – As despesas extras que as mulheres fazem para estabelecerem relações sem as quais não existiriam famílias são dedutíveis? – Não. -Então não há privilégios especiais para as mulheres que trabalham muito e ganham pouco e sem as quais esta nação jamais poderia progredir?» (p. 19).

Cota: 087.5 GUI
N.º de registo: 13155

Guisewite, C.(2002). *Sou mulher, ouçam como ressono!*. Lisboa: Gradiva.

125 poemas: antologia poética

Poesia



«Mulher

És tu. Mulher normal. Mulher inteira. / Olhos de amêndoa amarga. E peito doce. / Cisterna de água pura. Amendoeira. / Mulher de quem não sou. Antes fosse.

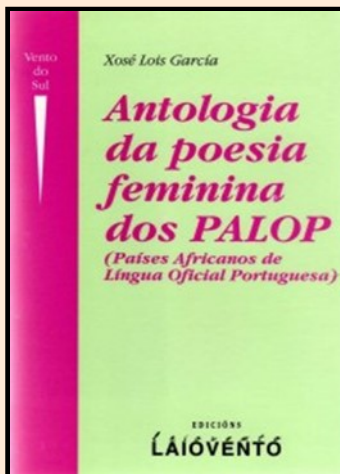
Tu és a flor do meu cantar de amigo. / Papoila no meu sangue aachucada. / De bruços a fazer amor comigo / na cama onde se dita a madrugada» (p. 43).

Cota: 821.134.3-1 PES
N.º de registo: 10041

Pessoa, J.(1989). *125 poemas: antologia poética*. (3.ª ed.). Lisboa: Litexa.

Antologia da poesia feminina dos PALOP

Poesia



«Porque havias de chegar

Por que nesse maldito dia / em que desprevenida / lavava uma sauda-
de / e arrumava a um canto/ um tempo que me doía’

Por que me terias que abraçar/ e me chamaar mulher/ e abrir a janela
e inventar um sol/ sussurrar uma canção?

Para quê? Se foi o tempo de um cigarro?» (p. 131)

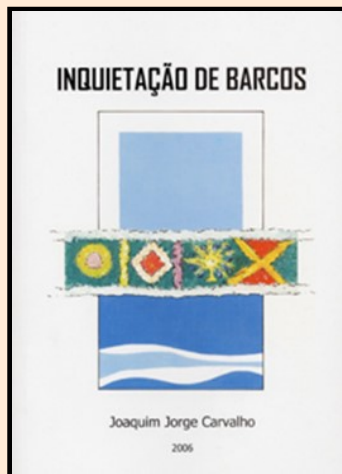
Cota: 821-82 ANT

N.º de registo: 13338

Lois Garcia, X. (1998). *Antologia da poesia feminina dos PALOP*. Santiago de Compostela: Laiovento.

Inquietação de barcos

Poesia



«Segredo

A concha disse-me ao ouvido o segredo do mundo: / Aquele que habitar os olhos da mulher / Tocaré nas estrelas e na dor dos deuses.

Dou-te o segredo e as minhas mãos- / E vamos amor de mãos dadas ao segredo / das mãos dadas.

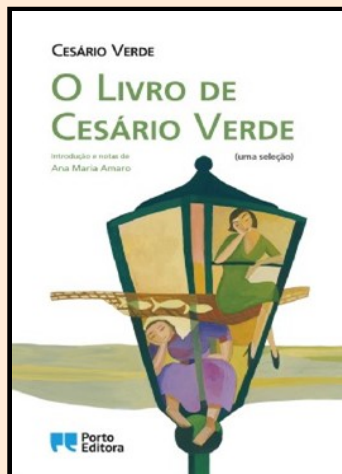
Uma concha, disseste / uma concha é um livro sobre coisas do mar.» (p. 48)

Cota: 821.134.3-1 CAR
N.º de registo: 11293

Carvalho, J. J. (2006). *Inquietação de barcos*. Ribeira de Pena: Associação Cultural Fórum Metanóia,

O livro de Cesário Verde

Poesia



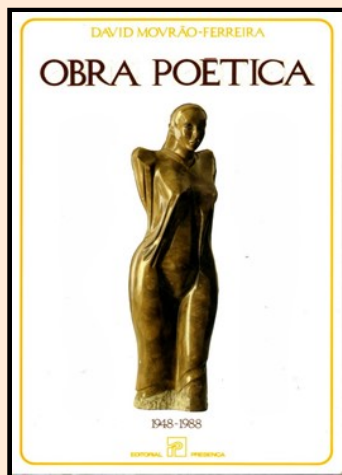
«Setentrional

Talvez te esquecesses, ó bonina, / que viveste no campo só comigo, /
que te osculei a boca purpurina, / que fui teu sol e teu abrigo.

Que fugiste comigo da Babel / mulher como tu não há nem mesmo na
Circássia, / que bebemos, nós dois, do mesmo fel, e regámos com
prantos uma acácia» (p. 26).

Cota: 812.134.3-1 VER
N.º de registo: 13486

Verde, C. (2015). *O livro de Cesário Verde*. Porto: Porto Editora.



«Retrato de Rapaiga

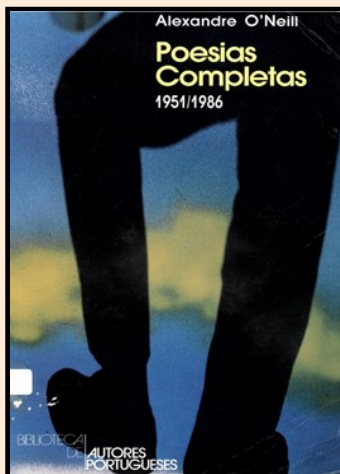
Muito hirta de pé no patamar do sono / Contornando sem pressa a curva de uma artéria / Por mais ocasional que fosse o nosso encontro / Dava-me a entender que estava à minha espera / Com um livro na mão com um lenço ao pescoço / uma expressão cansada a palidez inquieta/de quem andasse ao vento ou trouxesse no rosto / em vez de pó-de-arroz um pó de biblioteca» (p. 199).

Cota: 812.134.3-1 MOU
N.º de registo: 10308

Mourão-Ferreira, D. (2001). *Obra poética: 1948-1988*. (4.ª ed.). Lisboa: Presença.

Poesias completas 1951/1986

Poesia



«Hah!

Há a mulher que me ama e eu não amo / Há as mulheres que me acamam e eu acamo / Há a mulher que eu amo e não me ama nem acama.

Ah essa mulher!

Tu eras mais feliz, Apollinaire: / montado num obus, voavas à mulher. / Tu foste mais feliz, meu artilheiro. / tiveste amor e guerra.» (p. 296)

Cota: 821.134.3-1 ONE
N.º de registo: 7588

O'Neill, A. (1995). *Poesias completas 1951/1986*. (3.ª ed.). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

A dama de ferro

Filme



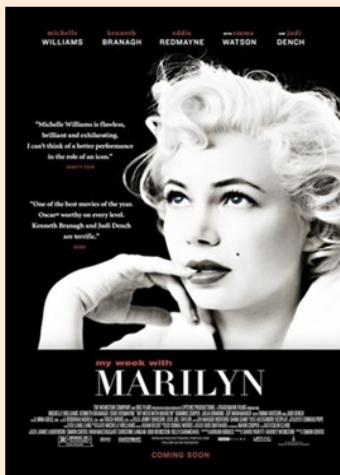
«Margaret Thatcher, a antiga Primeiro-Ministro, agora octogenária, está a tomar o pequeno-almoço na sua casa de Chester Square, em Londres. Apesar do seu marido, Denis, ter falecido há já alguns anos, a sua decisão de se ver livre finalmente do seu guarda-roupa desencadeou uma sucessão de memórias. A história diz respeito ao preço que se paga pelo poder, e é um retrato surpreendente e íntimo de uma mulher extraordinária e complexa.»

Cota: 791.227 LLO
N.º de registo: 428 I

Lloyd, P. (2012). *A dama de ferro* [Filme]. S. João da Madeira: Pris Audiovisuais.

A minha semana com Marilyn

Filme



«Durante o Verão de 1956, Sir Laurence Olivier começou, em Londres, a rodagem do filme "O Príncipe e a Corista", com Marilyn Monroe como protagonista. O jovem Colin Clark na altura assistente de produção do filme, acaba por passar uma semana inteira na companhia da atriz. Assim, enquanto ele lhe mostra todos os recantos da cidade e o estilo de vida britânico, ela mostra-se na sua intimidade: as inseguranças, fraquezas e a sua enorme dificuldade em lidar com a fama.»

Cota: 791.227.1 CUR
N.º de registo: 394 I

Curtis, S. (2012). *A minha semana com Marilyn* [Filme]. Lisboa: Zon Audiovisuais.

A rainha

Filme



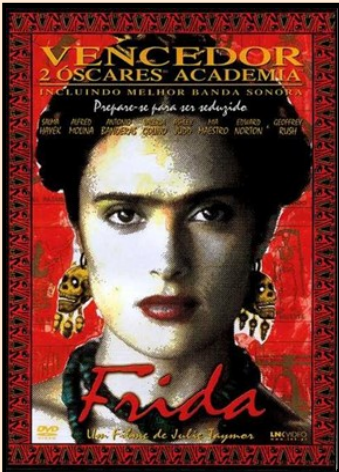
«31 de agosto de 1997. O mundo acorda em choque com a morte da Princesa de Gales. Mas, imediatamente após a morte da Princesa Diana, o hermético e conservador mundo da Rainha de Inglaterra, Isabel II, colidiria com um moderno e recém-eleito Primeiro-ministro Tony Blair. "A Rainha" especula sobre a batalha épica que se terá travado entre a Família Real e o Governo Britânico durante esses dias, enquanto uma nação em luto aguardava decisões por parte dos seus líderes.»

Cota: 791.227 FRE
N.º de registo: 373 I

Frears, S. (2007). *A rainha* [Filme]. Lisboa: LNK.

Frida

Filme



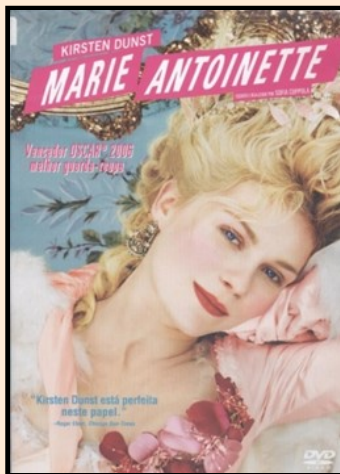
«O filme mostra a vida de Frida Kahlo desde a sua adolescência até a morte. Frida Kahlo foi um dos principais nomes da história artística do México. Conceituada e aclamada como pintora, ela teve também um casamento aberto e agitado com Diego Rivera, seu companheiro também nas artes, e ainda um controverso caso com o político Leon Trotsky e com várias mulheres.»

Cota: 791.227 TAY
N.º de registro: 276 I

Taymor, J. (2003). *Frida* [Filme]. Cruz Quebrada: Miramax International.

Marie Antoinette

Filme



«Noiva do futuro rei Luis XVI com apenas 14 anos, a ingénua princesa austríaca Maria Antonieta, é lançada na opulenta corte francesa, plena de escândalos e conspirações. Sozinha, sem apoio, à deriva num mundo perigoso, a jovem Marie Antoinette rebela-se contra a atmosfera isolada de Versailles e, no processo, torna-se na monarca mais incompreendida de França.»

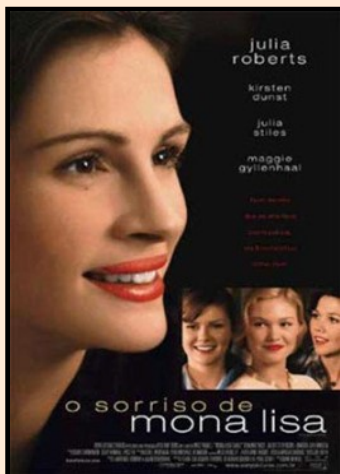
Cota: 791.227 COP

N.º de registo: 269 I

Copolla, S. (2007). *Marie Antoinette* [Filme]. Lisboa: Sony Pictures.

O sorriso de Mona Lisa

Filme



«Katherine é professora de História de Arte na Universidade de Wellesley nos anos 50. Depressa descobre que as suas alunas vivem divididas entre as normas tradicionais repressivas em que foram criadas e um anseio pela sua liberdade intelectual, numa época em que o sucesso das raparigas dependia principalmente do tipo de casamento que conseguiam fazer.»

Cota: 791.221.4 NEW
N.º de registo: 165 I

Newell, M.(2007). *O sorriso de Mona Lisa* [Filme]. Lisboa: Lusomundo.

Terra fria

Filme



«Josey apenas quer um emprego digno que lhe permita sustentar as filhas, mas o que encontra são ameaças, insultos, piropos, apalpadeiras, ataques e desfeitas. *Terra fria* é a história de um grupo de mulheres que foram contra os estereótipos de género, nos seus empregos nas minas de ferro do Minnesota e fizeram história lançando o primeiro processo judicial coletivo por discriminação e assédio sexual no trabalho.»

Cota: 791.221.4 CAR
N.º de registo: 83 I

Caro, N. (2006). *Terra fria* [Filme]. Lisboa: Lusomundo.

Vera Drake

Filme



«Vera Drake, uma mulher de classe baixa mora com a família na cidade de Londres, na década de 1950. Vera é incansavelmente e devotada à sua família; ela cuida do marido, dos seus dois filhos e de sua mãe idosa, além de um vizinho doente. Vera trabalha como doméstica. No entanto, o que sua família não sabe é que ela ajuda jovens mulheres a interromperem a sua indesejada gravidez.» (Sinopse)

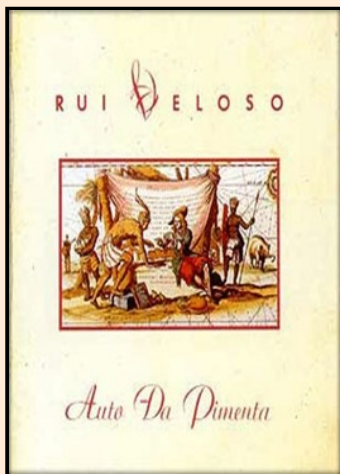
Cota: 791.221.4 LEI

N.º de registo: 128 I

Leigh, M. (2005). *Vera Drake* [Filme]. Lisboa: Lusomundo.

Auto da pimenta

Música



Mulher d'armas

O meu amor / Quando se foi / Pela barra desse rio / Disse que vinha /
Mas não veio mais / Trocou-me por um navio

Ao meu amor / Não lhe perdoo / Com ele não me ter levado / Sou mu-
lher de armas / Queria ver mundo / Conquistá-lo ao seu lado

Aqui estou eu viúva e órfã / Meu destino é carpir / O dele é nobre ...

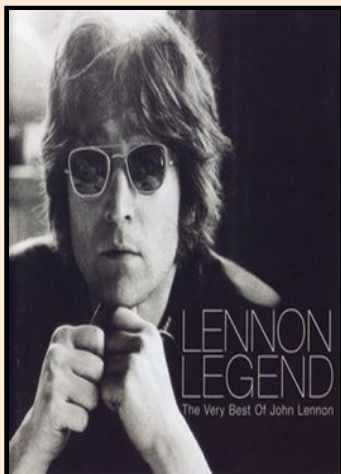
Cota: 8 VEL

N.º de registo: 11 S

Veloso, R. (1991). Mulher d'armas. In *Auto da pimenta* [CD]. Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho

Lennon legend: The very best of John Lennon.

Música



Woman

Woman I can hardly express / My mixed emotions at my thoughtlessness / After all I'm forever in your debt / And woman I will try to express / My inner feelings and thankfulness / For showing me the meaning of success / oooh well, well, oooh well, well

Woman I know you understand / The little child inside the man...

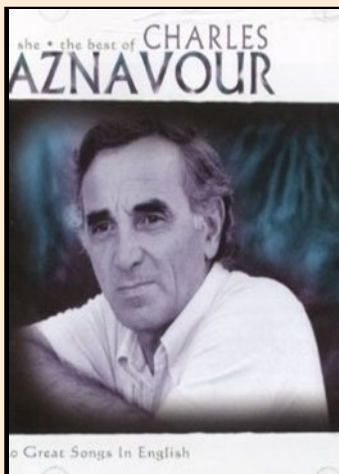
Cota: 2 LEN

N.º de registo: 707 S

Lennon, J. (1997). Woman .In *Lennon legend: The very best of John Lennon*. [CD]. Alemanha: Capitol Records.

She: The best of Charles Aznavour

Música



She

She may be the face I can't forget / A trace of pleasure or regret / May be my treasure or / The price I have to pay

She may be the song that summer sings / May be the chill that autumn brings / May be a hundred different things / Within the measure of a day.

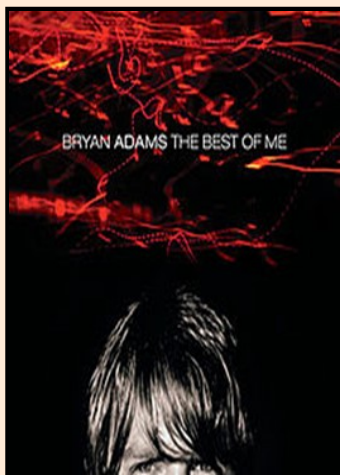
Cota: 8 AZN

N.º de registo: 587 S

Aznavour, C. (1995) *She*. In *She: The best of Charles Aznavour* [CD]. Holanda: Emi Music.

The best of me

Música



Have you ever really loved a woman

To really love a woman, to understand her / You've got to know her deep inside / Hear every thought, see every dream / And give her wings when she wants to fly /

Then when you find yourself lying / Helpless in her arms / You know you really love a woman.

Cota: 2 ADA

N.º de registo: 507 S

Adams, B. (1999). Have you ever really loved a woman. In *The best of me* [CD]. Alemanha: A&M Records.

Missão

Enquanto estrutura pedagógica, o Serviço das Bibliotecas Escolares do AELdF tem por missão apoiar o processo de ensino e aprendizagem, promover a leitura, a literacia da informação e o gosto pela frequência de bibliotecas ao longo da vida, a fim de contribuir para a formação de cidadãos informados, críticos, responsáveis, utilizadores efetivos da informação e com capacidade de aprendizagem autónoma.

Visão

Integrado na RBE, o Serviço das Bibliotecas Escolares do AELdF pretende continuar a ser uma referência neste programa. Aberto às orientações nacionais e internacionais e à colaboração em rede, desenvolve o seu trabalho numa busca contínua da excelência dos serviços e da coleção, acessíveis equitativa e livremente, potenciando os valores e demais orientações estratégicas expressas no Projeto Educativo do Agrupamento.

